

CARACTERÍSTICAS DO GRAMÁTICO CARÍSIO

Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (UERJ)

RESUMO:

A presença de muitos pontos doutrinários da gramática greco-latina em Carísio. A sua *ars* como fonte subsidiária de colação para especialistas. O estudo do certo e errado: da antiguidade clássica aos nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE: gramática latina; morfologia; sintaxe; Carísio.

1 - INTRODUÇÃO

Flavius Sosipater Charisius, Flávio Sosípatro Carísio, é autor de *Artis Grammaticae Libri V, Cinco Livros de Artes Gramaticais*, e pertenceu ao século IV d.C. e compôs uma gramática compilada dos anteriores comentadores e gramáticos (SPALDING, 1968: 44). Exatamente aí está o grande valor de sua *ars* est *pour lui à fois un modèle et une source principal: bref, la grammaire de Charisius constitue en elle-même un florilège* (HOLTZ, 1978: 225).

É comum lermos citações em Carísio, *ut ait Comianus*, gramático latino do século IV, *aliis ita palcuít, T. Iulius Romanus ita refert de advérbio* etc. Frequentemente retoma outros gramáticos e devido às mutilações do tempo ou dos copistas, torna-se fonte preciosa para subsidiar nossa leitura hoje em dia. Por isso mesmo, representa uma síntese das inclinações das doutrinas gramaticais. É um atento observado dos comentários dos outros gramáticos, apontando-lhes, inclusive, deformações nas suas abordagens, como ofaz com esta passagem de Varrão:

Capillum priores singulariter dicebant, sicut barbam, nam Varro epistularum III negabat pluraliter dici debere; sed Vergilius ait 'comptos de more capillos', et Horatius 'hunc et incomptis Curium capillis' item 'puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuatur unctis.' (Costumavam) dizer os antigos "cabelo" no singular, assim como "barba". A este respeito, Varrão em suas cartinhas III negava que se devia dizer no plural; mas Vergílio diz 'como de costume os cabelos alinhados' e Horácio 'também este Cúrio com os cabelos desalinhados', bem como 'o menino que saído da aula com cabelos perfumados / fica de pé ao lado do copo'.

Um outro dado em Carísio, que é extensivo a outros gramáticos da Antiguidade Clássica, é a preocupação com a linguagem impecável. Está certo Mattoso Câmara (1975: 19) quando diz que *o estudo filológico misturava-se, naturalmente, com as asserções gramaticais de caráter normativo e com pontos de vista filosóficos*.

Procuraremos um pouco de profundidade, primeiramente, no tema deste

parágrafo acima: linguagem polida, e, em segundo lugar, as citações carisianas.

2 – DOCTRINAS GRAMATICAIS E ESCÓLIO

Jean Collart, comentando a falta de abordagens sobre a economia sintática, alega que essa carência não é apenas uma peculiaridade em Varrão é, de fato, uma tendência geral: *les quelques réflexions qu' on peut trouver chez eux à cet égard ne dépassent jamais le stade de allusion vague.* (1954: 333)

Advém, dessa inconsistência de reflexão sintática associada ao princípio de certo e errado, a classificação de textos vergilianos ou de outros autores como solecismos. Vejamos algumas passagens:

Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto

Dardanus...

Acolhe com os olhos esta chama e leve consigo os agouros da minha morte, ó cruel Dárdano (En. 4, 661-2)

Ele comenta que *dardanus, dárdano* teria sido usado em lugar de *dardanius, de Dárdano*, isto é, *posuit proprium nomen pro appellativo*. Não se analisou aqui uma questão de concordância, de regência, de colocação ou de desconexão entre os membros relacionados na frase, ou seja, como ele mesmo define o caráter essencialmente sintático de um solecismo: *De soloecismo, ut ait Cominianus, soloecismus est oratio in consequens, fit autem aut per partes orationis aut per accidentia partibus orationis.* (266, 15-16) A esta definição segue-se um exemplo de solecismo, apontado nas *Geórgicas* de Vergílio:

Inualidus etiamque tremens, etiam inscius aeui

E que está fraco e teme, também que não se importa com a vida(III, 189)

Apona ele que *etiam pro etiamnunc, coniunctio pro advérbio, a palavra 'etiam' em lugar de 'etiamnunc', a conjunção em lugar do advérbio* (266, 18-19). Ainda classifica este solecismo como *per partes orationis*. Porém, o do primeiro exemplo é de base morfológica, não sintática propriamente.

O infinitivo narrativo constitui um solecismo para ele, já que *esse vício* pode acontecer *per qualitates uerborum, ut*

At uero Rutulis inpar ea pugna uideri iam dudum...

Mas então, já desde há muito este combate parecia desigual para os rútuulos (Vergílio, En. 12, 216).

Ele nos informa que deveria ser escrito *uidebatur*, porque foi escrito *infinitivum uerbum pro finitivo, a forma nominal infinitiva está pela flexão (do imperfeito indicativo)* (266, 25-9). Esta mesma tendência, isto é, a de não compreender o infinitivo histórico, ocorrerá em Prisciano. Acontece que interessa ao historiador a ação duradoura do infinitivo histórico e, no entanto, o gramático

romano interpreta que falta *ser começada (coepi)* a ação: *deest enim 'coepi'*. Daí que em *Negare factum: negare pro negabam* (XVIII, IV, 49)

O verso da Eneida que começa com *Pars in frustra secant, parte dos troianos corta em pedaços* (1, 212). O solecismo seria *per numeros* e afirma: *pro secat, posuit pluralem numerum pro singulari, em lugar de secat, colocou no número plural em vez de singular* (267, 1-4). Escapou, a rigor, o comentário sobre aspecto estilístico, já que o Poeta queria expressar a desigualdade ou descontinuidade das ações dos companheiros de Enéias, construindo dois períodos compostos por coordenação e em paralelismo:

Pars in frustra secant ueribusque tremantia fingunt;

Litore aena locant alii, flammisque ministrant.

Parte dos troianos corta em pedaços e fixa-os, palpitantes, nos espetos; Outros colocam os vasos brônzeos na praia e submetem-lhes lume. (1, 212 - 3)

Todas estas sentenças são perfeitamente aceitáveis, contudo elas não escapam à censura dos gramáticos antigos. F. Charpin (1978: 215) observa que *Diomède, Donat, Sergius, Marius Plotius Sacerdos, Pompeius... sont unanimes pour reconnaître que ce solécisme dans la prose ordinaire, devient une figure de styledans un poème, voire même dans la prose travaillée.*

Por outro lado, os textos conservados por Carísio são fontes que esclarecem muitas dúvidas hoje em dia. Alguns dels, não constantes de outros inventariantges. São exemplos:

- o tratado *Perí kharakteron*, de Varrão, que *ne figure pás à l'inventaire de Jérôme* (COLLART, 1978: 27);

- *De Vtilitate Sermonis*, de Varrão, é uma outra notícia de Carísio;

- a admissão da forma *puera* por Varrão, que foi recusada por Élio Estilão e Asínio Polião: *tamen Varro cum a puera putat dictum, sed Aelius Stilo, magister eis, et Asinius contra, porém, Varrão julga quando foi dito pela menina (a puera), mas seu mestre, Élio Estilão, e Asínio Polião são contra.* (84, 10-11);

- o conceito de analogia gramatical para Aristófanes e seu discípulo, Aristarco (117, 1-5);

- não raro a análise de Jean Collart (1954: 199-200), que foi muito vasta, se apóia em informação de Carísio:

Charisius croit bon de nous signaler que Varron emploie l'ablatif 'ueter', preuve peut-être qu'il répugne à l'action analogique de l'ablatif en '-i', comme inversement, on l'a vu, il répugne à l'action analogique de l'ablatif en '-e' dans les thèmes sonantiques. (...) Et Charisius, par exemple, nous apprend que Varron emploie les mots 'palumbi'(les remiers) et non 'palumbes', 'capus' (le chapon) et non 'capo', qu'il lui arrive de dire 'imberbi iuuenes', et non 'imberbes',

'uctibalium' et non 'uctigal', qu'il emploie indifféremment 'gluten' ou 'glutinum'.

Como transcrevera múltiplos excertos, pôde conservar numerosos fragmentos, atualmente perdidos. Numa recensão crítica, torna-se uma fonte elucidativa para os mais diversos especialistas. Assim, esclarece Louis Holtz, na nota 4:

Citons, en plus des titres relevés para F. Kuhnert p. 540 sq., S. Timpanaro, 'Note a Lívio Andronico', Ennio, Varrone, Virgílio', dans 'Annali della scuola Normale superiore di Pisa', 1949. pp. 186-204 (à propos de l'expression ' in 'Odyssia uetere', 106, 2); L. Herrmann, 'Um nouveau fragment de Sulpicia?' dans 'Latomus', 23, 1964, p. 322 (1665, 25 sq.); E. Misdariis, 'Su alcuni nuovi frammenti delle Antiquitates rerum diuinarum' dans 'Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia', Trieste I, 1964-65, pp. 265-269; A. Mazzarino, 'Tarquinio Prisco e la guerra coi Sabini nelle Origines di Catone' dans 'Helikon', 8, 1968, pp. 444-446 (91, 7); E. Badian, 'Three fragments... Char., 256, 1 dans 'Mélanges H. L. Gonin', pp. 1-6.

O filólogo francês se admira do seguinte: se por um lado Barwick, para editar os gramáticos latinos antigos, inovava em relação, principalmente, às edições de Keil, porque, num aspecto curioso, Carísio abasteceu os meios de melhorar o texto estabelecido a partir dos manuscritos, destacando para seus comentários um trabalho feito por K. Barwick sobre um manuscrito de Nápoles, noutro aspecto paradoxal, utilizou esse mesmo manuscrito para compor os últimos capítulos do livro V.

O manuscrito de Nápoles é bem pobre, basta um cotejo com as lições de um outro ramo da tradição, hoje bem desfigurado, ou seja, na passagem (HOLTZ: 226, nota 6): *Napoli, Bibl. Naz. IV A 8 ff. 1-39, en minuscule irlandaise du VIII^e siècle, écrit probablement à Bobbio*. Informa-nos que se trata de uma cópia reutilizada, onde foram recopiados textos gramaticais de folhas antigas de proveniência diversa. O mérito de Barwick é ter explorado a fundo as variantes que J. Cuick (Cauchius) tinha feito nas margens da edição *princeps*, atualmente é um exemplar pertencente à biblioteca da Universitaire de Heidelberg (HOLTZ, 116 nota 8). Pois bem, estas notas de margens provêm de um manuscrito de Carísio, disponível ainda na época dos Humanistas. Por sua vez, as lições de Carísio são corroboradas pelos extratos contidos em duas outras testemunhas parciais: um *p*, célebre coleção copiada *au Mont-Cassin à la fin du VIII^e siècle, l'autre 'P', copié en France, de la main d'une femme, environ un siècle après* (Idem, ibidem). Estes dois testemunhos têm em comum não somente o fato de remontar ao arquétipo de Carísio, mas também de apresentar o texto sob forma de extrato anônimo

sofrivelmente satisfatório.

A terminologia de Carísio é a que se usa entre os gramáticos em geral, inclusive Prisciano. Assim, *nome*, *nomen*, que pressupõe as flexões de *gênero*, *genus*, *número*, *numerus*, *caso*, *casus*, e *grau*, *gradus*. Criteriosamente, encontramos em Carísio a retomada aos antigos gramáticos gregos e romanos e dissertando sobre fatos da linguagem, como é o caso de sua definição de gênero. Para ele, o gênero do substantivo está dividido em dois grupos: *animado e inanimado, ut animale et inanimale* (152, 5-6). A partir do gênero concebe uma nova categoria: a espécie, que nada mais é que reino animal e vegetal.

Expõe uma relação de cinco gêneros, o que lembra as nossas gramáticas atuais acrescentado ao ao masculino e feminino, o comum de dois, sobrecomum e epiceno: masculino (*hic praeceptor, o preceptor*)¹, feminino (*haec schola, a escola*), neutro (*hoc scrinium, o escrínio*), masculino e feminino (*hic et haec canis, o cão e a cadela*) e masculino, feminino e neutro (*hic, hazec, hoc felix, o / a / o feliz*).

3 – CONCLUSÃO

Mesmo depois do século XIX, com o advento da Lingüística Comparativa e, por conseguinte, as descrições epistemológicas de fatos da linguagem, continuamos praticando alguns vícios de tomadas descritivas e classificatórias da língua, como demonstramos, ainda que superficialmente – mas sem esforço podemos ler em muitas gramáticas de português: masculino, feminino, comum de dois, sobrecomum e epiceno (embora se aconselhe a indicação do gênero pela anteposição do artigo), a questão de gênero gramatical. Há ainda muitas escolas reprovando seus alunos por causa de prescrições do certo e errado, ao invés de uma avaliação do esforço do aluno através de uma distribuição ponderada em graus lingüísticos, como erros recusados socialmente valem conforme o grau de rejeição, se língua padrão, vale X; coesão, vale Y; se coerência Z, etc. Como, então, anular os padrões avaliativos de Carísio, e, por extensão Aulo Gélcio, etc.

Neste ponto, o conselho de Eugênio Coseriu é fundamental: é importante uma abordagem para cada nível, a saber: uma “geral” (*não ”gramática universal” - de todas as línguas – coisa impossível e absurda, mas sim teoria gramatical*) (COSERIU, 1980: 98), tomando a língua como resultado e limitando a liberdade individual à dimensão histórica da linguagem; outra “histórica”, onde se evidenciarão aspectos típicos de uma cultura, por exemplo, conforme as palavras do autor: a mitologia greco-latina com suas particularidades etimológicas em relação ao português; outra individual, aí destacar-se-ão os elementos estilísticos da ‘parole’, como num exemplo da frase machadiana ao descrever a ação de Rubião, louco, no *Quincas Borba*, julgando-se imperador francês, no momento de tomar a coroa na cabeça, diz-nos Machado de Assis: *ele pegou nada, ergueu nada, e cingiu nada*. Machado retirou o “não” antes do verbo, sói ocorrer em geral, e deu dimensão de substantivo ao pronome indefinido, realçando esteticamente aquele

quadro dramático da loucura de Rubião.

Insistimos em dizer, com Henri-Irinée Marrou, que *o papel histórico de Roma não foi criar uma nova civilização, mas implantar e radicar solidamente no mundo mediterrâneo a civilização helenística pela qual ela mesma fora conquistada*. (1975: 447-8). Acreditamos que os ecos clássicos antigos, na verdade, se espalham por todo o mundo ocidental e, quiçá, já esteja bastante presentes no oriental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História da Lingüística*. Trad. de Maria do Amparo S. Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CARÍSIO. *Ars Grammatica*. Ed. H. Keil. Lipsiae, Teubner, 1857.
- CHARPIN, F. La Notion de solécisme. Pp.205-216. In: COLLART, Jean. *Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- COLLART, Jean. *Varron Grammrien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- . *et alli. Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- . À Propos des etudes syntaxiques chez les grammairiens latins. Pp. 195-204. In: COLLART, Jean. *Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- HOLTZ, Louis. Sur traces de Charisius. Pp. 225-233. In: COLLART, Jean. *Varron Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- MARROU, Henri-Irinée. *História da Educação na Antigüidade*. Trad. de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U., 1975.
- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SPALDING, T. Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.

NOTA

¹ Os gramáticos romanos indicavam o gênero com a anteposição dos demonstrativos, já que em latim não existia artigo definido.

ANÁLISE DO CARMEN I (56) DOS CARMINA BURANA

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ)

RESUMO:

Pretendemos abordar um poema que faz parte dos *Carmina veris et amoris*, uma das três partes em que se encontram divididos os *Carmina Burana*. Após uma breve introdução sobre o gênero a ser estudado, apresentaremos o *corpus* a ser traduzido e analisado. Depois da tradução, analisaremos o poema, cuja temática principal é a primavera e tudo o que ela traz consigo: renascimento, amor e alegria. Os comentários dar-se-ão em diversos campos: morfológico, ortográfico, mitológico, estilístico e literário.

Palavras-chave: Latim Medieval, *Carmina Burana*, *Carmen I (56)*.

Não temos por objetivo, neste artigo, tecer maiores comentários sobre a etimologia e a origem dos *Carmina Burana*, em razão de eles já terem sido feitos em outro artigo que versou sobre os versos satíricos desta obra. Nossa intenção, neste trabalho, é traduzir, analisar e comentar o poema que nos serve de título. Ele faz parte de um grupo de poemas que aborda a temática primaveril e amorosa: *Carmina veris et amoris*. Assim sendo, os deuses que mais se destacam nesse tipo de composição são Cupido ou Amor e sua mãe, Vênus. A primavera, que, por vir logo após o inverno, aparecerá sempre como símbolo de renascimento, de amor entre os homens e os animais e, por fim, como símbolo de esperança.

O poema escolhido está de acordo com o modelo mais comum da poesia amorosa medieval. Ao iniciar o poema, o autor procura, na primeira estrofe, celebrar a chegada da primavera, que favorece principalmente o amor entre os jovens, fato este comprovado pela presença dos vocábulos *alumnus* e *tiro*. O vate reserva duas estrofes para cantar a beleza e as muitas qualidades da mulher ideal. Conclui o poema, rogando a Cupido e a Vênus que não permitam que o seu fim e o de sua amada sejam iguais ao de Dafne e Apolo.

CARMEN I (56)

I. Ianus annum circinat,
Ver estatem nuntiat;
Calcat Phebus ungula,
Dum in Taurum flectitur,
Arietis repagula.

Amor cuncta superat,
Amor dura terebrat.

2. Procul sint omnia tristia